

# Bancada feminina na Câmara será composta por 78 deputadas na nova legislatura

*Número representa 15% das cadeiras da Casa, um aumento de 50% em relação à legislatura anterior. Percentual, no entanto, ainda está muito abaixo da média de mulheres parlamentares em outros países latino-americanos*

**(Agência Câmara, 23/01/2019 - acesse no site de origem)**

A bancada feminina na Câmara dos Deputados será composta por 78 mulheres na nova legislatura(2019-2023) – o que representa 15% das cadeiras. Na composição anterior, a bancada ocupava 51 cadeiras (10% do total). Entre as mulheres que tomarão posse no dia 1º de fevereiro, 43 ocuparão o cargo de deputada federal pela primeira vez.

Maranhão, Sergipe e Amazonas não elegeram nenhuma mulher em 2018. O Distrito Federal, que elegeu 5 mulheres em uma bancada composta por 8 deputados, será proporcionalmente o ente da Federação com mais deputadas. Em termos absolutos, o estado com maior número de deputadas é São Paulo, com 11 mulheres na bancada de 70 deputados.

Entre as deputadas novatas, está Joênia Wapichana (Rede-RR), que será a primeira mulher indígena a ocupar o cargo de deputada federal no País. Por sua vez, a deputada Luiza Erundina (Psol-SP) é a veterana na nova composição da Câmara. A parlamentar, que tem 84 anos, iniciará seu sexto mandato consecutivo.

## **Pauta**

A nova bancada feminina eleita é diversa em termos ideológicos e partidários. Por exemplo, entre as deputadas, 9 são do PSL – partido do presidente Jair Bolsonaro – e 10 são do PT – legenda de oposição.

A deputada Carmen Zanotto (PPS-SC), que iniciará seu segundo mandato, disse acreditar que, respeitada a divergência de pensamento na bancada, a pauta mais importante deve ser a luta para redução da violência contra a mulher. “Não dá para a gente aceitar um país em que uma mulher morre a cada uma hora e meia apenas pelo fato de ser mulher.”

## **Decisão do TSE**

Zanotto considera o crescimento da bancada importante, mas aquém do desejado. “Ainda é muito pequeno perto do que esperávamos”, avaliou.

A parlamentar atribui parte desse crescimento à decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de maio de 2018, que garantiu nas eleições de 2018 a aplicação de no mínimo 30% dos recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha e do tempo de propaganda gratuita no rádio e na TV para as candidaturas de mulheres. “Isso nos deu condições de disputar as eleições em pé de igualdade”, observou.

O percentual de mulheres concorrendo ao cargo de deputada federal nas últimas eleições foi

de 31% do total de candidaturas, percentual semelhante ao de 2014. Esse número é pouco superior ao número de candidaturas femininas exigido pela Lei das Eleições ([9.504/97](#)), que é de 30% do total.

### **Ranking**

Com 15% de mulheres na Câmara dos Deputados, o Brasil continuará bem abaixo da média na América Latina. Nos países latino-americanos e do Caribe, a média do número de mulheres parlamentares nas Câmaras de Deputados ou Câmaras Únicas é de 28,8%.

Conforme levantamento de 2017 feito pela ONU Mulheres em parceria com a União Interparlamentar (UIP), o Brasil ocupava somente a 154ª posição em um ranking de 174 países sobre de participação de mulheres no Parlamento.

---

## **Em reação a Trump, papel das mulheres na política bate recordes nos EUA**

*'Tsunami feminino' se fortalece nas ruas e nas urnas, de olho em eleições legislativas de novembro*

**(O Globo, 28/01/2018 - acesse no site de origem)**

A estudante Carly Schaffer, de 20 anos, nunca se interessou por política. “Sempre achei tudo chato”. Agora, é a mais animada da turma de amigas quando se trata do tema: fez cartazes, acordou cedo no sábado da semana passada e foi para a Marcha das Mulheres em Washington, que reuniu cerca de cem mil pessoas contra o governo de Donald Trump no dia de seu primeiro aniversário de governo. Mas ela não se deu por satisfeita: conta os dias para votar em mulheres nas eleições legislativas de novembro, da mesma forma que sonha com uma Casa Branca feminina a partir de 2020.

— Olhe para isso! São vozes que no passado ficavam caladas. E que não vão mais voltar atrás. A política americana nunca mais será a mesma — disse ela, com um cartaz defendendo a candidatura da apresentadora Oprah Winfrey em uma das mãos e com frases de incentivo à participação feminina da senadora-sensação Kirsten Gillibrand (Nova York, uma das presidenciáveis dos democratas) na outra.

O que está fazendo a estudante e outras milhares de mulheres no país se interessarem por política, segundo analistas, não é apenas o governo de Donald Trump, que tem acusações de assédio sexual no currículo e o Gabinete mais masculino desde Ronald Reagan. Mas um movimento de gênero que já chegou a diversos pontos da sociedade americana e que deve ser determinante nas eleições. O republicano apenas turbinou isso.

— As mulheres estão lutando por seu espaço há muito tempo, mas o governo de Trump deu uma urgência para a questão — afirmou ao GLOBO Kelly Dittmar, professora de ciências políticas da Rutgers University-Camden e pesquisadora do Centro Americano de Mulheres e

Política (CAWP, na sigla em inglês). — Na verdade, vemos que a política está atrasada em relação a outros setores da sociedade. Nada mais natural que mudar esta realidade.

Dados do Banco Mundial e do Inter-Parliamentary Union comprovam a tese: os Estados Unidos estão na 99ª posição em participação feminina no Legislativo, em uma lista de 187 nações. Apenas 19,4% dos membros da Câmara dos Representantes são mulheres, patamar inferior à maioria das nações europeias e muitos países latinos (México, incluído) e muçulmanos (como a Arábia Saudita e Emirados Árabes). O peso feminino é inferior até a muitos dos “países de merda” supostamente citados por Trump em uma negociação parlamentar, como El Salvador e diversas nações africanas — embora ainda fique acima do Brasil, na 157ª posição com 10,7%, e de Japão e Coreia do Sul.

### **Mudança já começou na Virgínia**

Analistas estimam que este ano deverá ter cerca 50 candidatas ao Senado e mais de 400 à Câmara em novembro, um recorde.

— As mulheres votam mais que os homens, mas não concorriam a cargos públicos, devido ao machismo. Há uma nova conscientização — disse Donna Lent, presidente do National Women’s Political Caucus (NWPC). — Mas mais importante que a tentativa de grandes cargos é a mobilização local.

E os números dizem que isso está ocorrendo. Além das marchas, mais mulheres procuram grupos de atuação e treinamento para candidaturas. De acordo com o Emily’s List, organização de engajamento feminino, há 30.768 inscritas em seus treinamentos para candidatos. Em 2016, apenas 926 mulheres passaram por seus cursos. As eleições estaduais da Virgínia, em novembro passado, já mostraram sinais de mudança: foram eleitas 21 mulheres para o Legislativo local, contra 46 homens, no melhor resultado na história local. Elas conquistaram dez cadeiras a mais que nas eleições anteriores — incluindo a primeira deputada transgênero no país e a primeira assumidamente lésbica do estado.

— Não se trata de uma onda, é algo maior. O que está se movendo são placas tectônicas, é algo profundo. É uma tsunami — afirmou Beatriz Cuartas, doutora em política pela George Mason University. — O que estamos vendo na política é algo que se relaciona com toda a sociedade. O movimento #metoo (denúncia de assédio sexual) é um exemplo. Práticas que eram toleradas há 10 anos não são mais aceitas. É uma mudança de paradigma.

E a candidatura feminina é, majoritariamente, democrata. Além do fator Trump, outros pontos afastam as mulheres do Partido Republicano.

— Os democratas abraçaram os direitos reprodutivos das mulheres, como o aborto — disse Donna Lent. — A posição mais conservadora dos republicanos dificulta essa aproximação. As mulheres tendem a defender mais projetos sociais, a equidade, enquanto que republicanos são mais pró-mercado.

Kelly Dittmar, da CAWP, concorda, e lembra que a posição do atual governo contra minorias aproxima mais as mulheres, que sempre foram discriminadas, dos democratas. Ela aponta três motivos pelos quais é bom o aumento da participação feminina nas eleições e nos cargos de

governo:

— O primeiro é a legitimidade democrática, vivemos um problema de representação com a baixa participação das mulheres, que são 50% da população. O segundo é simbólico, mais mulheres atuantes incentivam novas gerações e outros grupos sociais. E por último há a mudança de perspectiva na política, as mulheres possuem olhares diferentes, prioridades diferentes. Em geral, buscam mais a igualdade e visão mais diversa do mundo — disse ela, autora de livros sobre mulheres na política.

Se em 2016 os EUA viram a primeira candidata à Presidência por um grande partido, com Hillary Clinton, 2018 e 2020 podem mostrar que elas podem, de fato conquistar o poder. Mobilização é o que não falta.

*Henrique Gomes Batista*

---

## **Maioria entre a população e o eleitorado, mulheres ainda são minoria em cargos eletivos**

*Movimento lançado nesta semana pretende mudar esta realidade*

**[\(Pioneiro, 29/10/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

Maioria entre a população e o eleitorado brasileiros, as mulheres ainda são minoria nos Executivos e Legislativos. Na Câmara dos Deputados, espaço com o maior número de parlamentares entre as casas legislativas, a presença feminina é de 10%. Dos 513 deputados, apenas 50 são mulheres. Na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, são três vereadoras do total de 23. O Legislativo caxiense, aliás, nunca teve mais do que três mulheres em suas legislaturas. Em 125 anos de história, completados neste ano, a Câmara teve 12 vereadoras, sendo 10 titulares e duas suplentes.

No Ranking de Presença Feminina no Parlamento 2017, lançado em março, o Brasil ocupa o 115º lugar, ficando atrás de países como Afeganistão, Índia e Estados Unidos. Ruanda ocupa a primeira posição, seguida de Bolívia e Cuba. O levantamento foi realizado pelo Projeto Mulheres Inspiradoras (PMI), com base no banco de dados primários do Banco Mundial (Bird) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

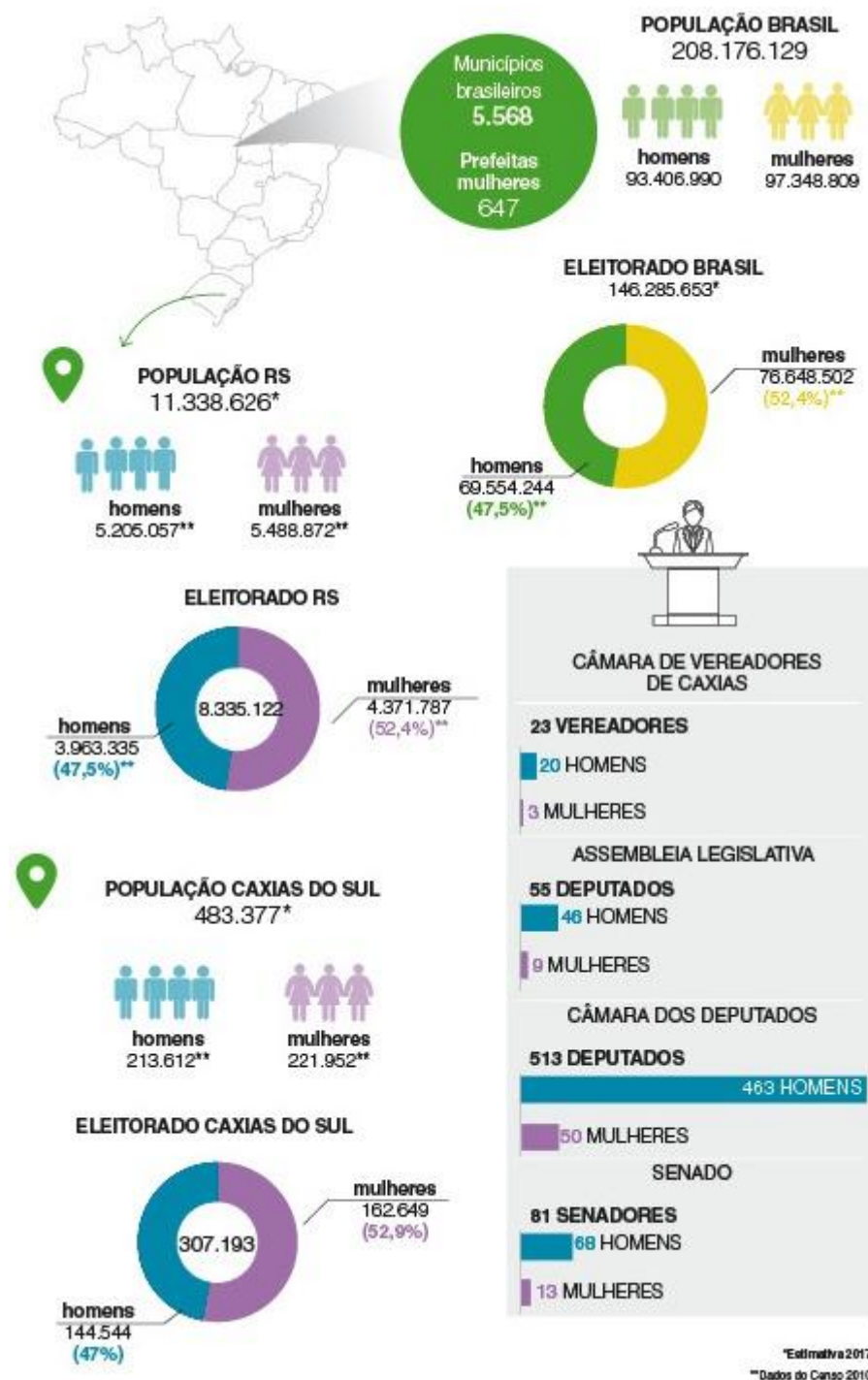
— O Brasil está muito atrasado — constata, em tom de indignação, Solange Meri Colzani de Borba, 47 anos.

A advogada é integrante do [movimento Política de saias](#), lançado nesta semana em Caxias. O grupo quer justamente mudar essa realidade, incentivando a participação de mais mulheres na política. Ao lado de Solange, outras seis mulheres iniciaram o trabalho que visa à capacitação feminina para futuras disputas eleitorais.

— Embora existam mais mulheres em cargos de comando, em empresas, por exemplo, é algo que ainda não está sedimentado. Pode ser que a mulher não acredite que possa, pode ser que tenha outros papéis, que a política não seja prioridade — avalia a psicóloga Márcia Martini, 49, também integrante do grupo.

O objetivo é formar lideranças capazes de vencer uma eleição e levar em frente um mandato.

— As mulheres não votam em mulheres. A gente tem que tentar compreender para mudar essa realidade — acrescenta a advogada integrante do movimento Cintia Miele Garnier, 45.



**Sem inclinação ideológica**

Embora suprapartidário, o movimento tem quatro integrantes filiadas ao PSDB, entre elas, a vereadora Paula Ioris. Mas elas garantem que o objetivo é capacitar as mulheres sem formação ideológica. Tanto que a intenção é promover palestras com mulheres de diferentes partidos.

— Queremos ser referência na formação de lideranças femininas. Muitos partidos colocam candidatas apenas para cumprir a cota — diz Fabiana Tanuri, 42, advogada e filiada ao PSDB.

O movimento Política de Saias tem como meta dobrar o número de vereadoras na próxima legislatura. Hoje, são três mulheres em Caxias.

### **Iniciativa elogiada por mulheres de outras siglas**

O lançamento do Política de Saias promete movimentar os partidos. Vereadora do PMDB, Gládis Frizzo já pensa em procurar as mulheres filiadas à sigla para trazê-las para o dia a dia do partido. Liderança do movimento comunitário, Gládis também quer propor ao movimento Política de Saias que eventos sejam realizados nos bairros.

— Muitas mulheres gostariam de estar na política, mas não têm coragem ou incentivo - destaca.

Para a vereadora e presidente do PT caxiense, Ana Corso, a iniciativa é positiva. Ela acredita que o partido, pode contribuir mostrando, por exemplo, a forma de organização do PT, onde 50% dos cargos de direção são ocupados por mulheres:

— Só vamos crescer politicamente incorporando as mulheres. O homem pode ser solidário às causas das mulheres, mas ele nunca será mulher.

*Juliana Bevilaqua*